

Prisão Feminina no Norte: Um Jeito de Pensar Estruturas de Sociedades Matriarcais

Women's Prison in the North: A Way of Thinking About Matriarchal Societal Structures

Nathanna Cristina Pereira Silva¹

PPGA-IFCH-UFPA

e-mail: nathanna46@gmail.com – orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9370-483X>

DOI 10.5281/zenodo.14533121

Resumo

Existem comunidades organizadas a partir da figura de uma mãe ou matriarca. O matriarcado existe, espalhado pelo mundo, em lugares e “culturas” diferentes, como Quênia e China, que apesar de distâncias geográficas possuem características em comum. O artigo tem como objetivo entender como funciona o matriarcado, trazendo conceitos do funcionamento econômico, social, político e cultural de sociedades matriarcais. Entrecruzando com o estudo em uma prisão feminina no Estado do Pará, na região Norte do país, que se trata do meu campo de pesquisa do Mestrado. Pois, apesar de ser um ambiente repressivo e com muitas complexidades, as regras de convivência, comportamentos, troca de afetos e liberdade sexual, são incrivelmente semelhantes a essas sociedades e espaços que são ocupados e/ou liderados estritamente por mulheres. Nele será apresentado e discutido referenciais de alguns autores, e os dilemas da aproximação desse campo de pesquisa com os estudos de sociedades onde predominam a liderança, o poder e a organização de mulheres.

Palavras-chave: Matriarcado; Mulheres; Prisão feminina.

Abstract

There are communities organized around the figure of a mother or matriarch. Matriarchy exists across the world in different places and "cultures," such as Kenya and China, which, despite geographical distances, share common characteristics. This article aims to understand how matriarchy functions, addressing the economic, social, political, and cultural aspects of matriarchal societies. It intersects with a study conducted in a women's prison in the state of Pará, located in the northern region of Brazil, which serves as the fieldwork for my master's research. Although it is a repressive environment with many complexities, the rules of coexistence, behaviors, exchanges of affection, and sexual freedom are remarkably similar to those found in societies and spaces strictly occupied or led by women. The article will present and discuss references from various authors, as well as the dilemmas involved in connecting this field of research with studies of societies where leadership, power, and organization are predominantly held by women.

Keywords: Matriarchy; Women; Female Prison.

¹ Mestranda em Antropologia (PPGA-UFPA). Graduação em Ciências Sociais (UFMA).

1. INTRODUÇÃO

No cenário brasileiro, inicialmente os presídios femininos eram destinados somente a mulheres consideradas com comportamentos desviantes, dentro de um dispositivo moralizante, assim eram presas somente as prostitutas, as mães solteiras e as de “gênio forte” (Queiroz, 2015).

O atual contexto das penitenciárias brasileiras, expressa claramente suas problemáticas. Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* (1975), revela o quanto o sistema carcerário ocidental se tornou uma espécie de depósito de pessoas, sobrevivendo sem as mínimas condições de dignidade e respeito, sem perspectiva de um futuro, ou algum tipo de ressocialização. Mesmo assim a cadeia segue seu sistema de sobrevivência, em meio ao caos. Nas cadeias femininas, as mulheres são mais empáticas e se apoiam em grande parte.

Meu objetivo não será expor problemáticas estruturais e institucionais da cadeia, a Antropologia nos dá essa liberdade, é muito mais sobre os significados das coisas do que sobre avaliar o que está certo ou errado. O objetivo é muito mais para se pensar a complexidade e aproximação da forma de organização e comportamento dessas mulheres.

Neste artigo, assim, trabalhando com o entendimento de como funciona o matriarcado, trazendo conceitos do funcionamento econômico, social, político e cultural de sociedades matriarcais, e o campo de possibilidades e caminhos, que socialmente, estão estabelecidos para essas mulheres. Entrecruzo com o estudo em prisão feminina no Estado do Pará, na região Norte do país, por se tratar do meu campo de pesquisa do Mestrado.

Minha aproximação com este tema de pesquisa entre sociedades matriarcais se deu nas pesquisas de mulheres na prisão, entendendo as formas de organização e comportamentos, e como são dispostos num ambiente estritamente ocupado por mulheres. Me chamou atenção profundamente as semelhanças com as histórias e pesquisas da forma como sociedades matriarcais também se organizam.

Indo em busca de forma mais minuciosa sobre como eram outros espaços em que somente mulheres ocupavam, foi então que surgiu o interesse nos estudos de sociedades matriarcais, e percebi o quanto mulheres organizadas nesses espaços, onde de algum modo somente elas habitam ou são lideranças, há muitas similaridades.

Dentre essas similaridades pretendo inicialmente de forma geral demonstrar as semelhanças em suas regras de convivência, comportamentos, troca de afetos e liberdade sexual.

Os autores, bem como a reflexão sobre a realização de um trabalho de campo numa instituição tão complexa como a prisional no Brasil, e em específico na região Norte, me levaram a uma aproximação com os anseios e curiosidades dos dilemas desse campo de pesquisa, e com os estudos de sociedades onde predominam a liderança, o poder e a organização de mulheres.

Portanto, começo por relatar historicamente sobre a existência e como operam as dinâmicas sociais de sociedades matriarcais, no comparativo de sociedades ainda existentes na China, África, Brasil e da lenda das Icamiabas² do Norte do Brasil, a partir do mito grego das Amazonas.

2. SOCIEDADES MATRIARCAIS: BREVE HISTÓRICO

O matriarcado existe, em comunidades que são organizadas a partir da figura de uma mulher e/ou mãe, e em lugares e culturas diferentes. Que mesmo situando-se em espaços geográficos distantes, geralmente possuem diversas características em comum. Como por exemplo Quênia³ e China⁴. Conforme diz a professora e filósofa Heide Goettner-Abendroth⁵ que é referência em estudos sobre matriarcado:

As sociedades matriarcais são sociedades de verdadeira igualdade entre os sexos, diz respeito à contribuição social de ambos. E embora as mulheres estejam no centro da sociedade, este princípio rege a vida social e a liberdade de ambos os sexos. As sociedades matriarcais não deveriam de forma alguma ser vistas como a imagem espelhada das sociedades patriarcais; onde as mulheres detêm o poder em vez dos homens, como no patriarcado (Goettner-Abendroth, 2020, p. 9).

Na China, a tribo milenar Mosuo ainda existente, na fronteira com o Tibete, com cerca de 40 mil pessoas⁶, que tem como registros mais antigos são de mais de 700 anos ac, onde ainda vivem da mesma forma e no mesmo lugar, é uma sociedade Matrilinear⁷. Para essa sociedade o conceito de família e casamento tem suas características próprias. Todas as mulheres tem sua liberdade sexual garantida após um ritual de transição para vida adulta, onde após isso recebem uma chave de seus quartos particulares para receber quem e quando tiverem vontade, não há compromisso com a monogamia, tendo assim domínio total de suas vidas sexuais e reprodutivas.

Mas isso é somente uma das vertentes ao qual ênfase para relacioná-la com o interesse da minha pesquisa. Nessa estrutura, mães, filhas e irmãs vivem juntas durante

² Segundo as diversas versões da lenda, existia em terras amazônicas uma tribo matriarcal de incríveis mulheres consideradas grandes guerreiras, que não permitiam a presença masculina, e que eram as filhas da deusa da lua, Jaci (Coqueiro; Silva; Zukoski. 2023, p. 321).

³ Oficialmente República do Quênia é um país da África Oriental, a capital e cidade mais populosa é Nairóbi. O nome advém do monte Quênia, seu ponto geográfico mais elevado e a segunda montanha mais alta da África. (Conteúdo aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Qu%C3%A9nia>. Acesso em: 19 out. 2024)

⁴ China, é o maior país da Ásia Oriental e o segundo país mais populoso do mundo, com mais de 1,4 bilhão de habitantes, quase um quinto da população da Terra. (Conteúdo aberto. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/China>. Acesso em: 19 out. 2024).

⁵ Feminista alemã, professora e filósofa. Uma das pioneiras dos estudos femininos na Alemanha, com foco no estudo de sociedades matriarcais ou matrilineares. Na pesquisa matriarcal moderna ofereceu uma nova abordagem metodológica ao conceito de matriarcado, revisitando e assimilando a história da humanidade.

⁶ OSWALD, Vivian. Em tribo do Sul da China, mulheres comandam a casa. *Jornal O Globo*, São Paulo, 05 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/em-tribo-do-sul-da-china-mulheres-comandam-casa-21671563>>

⁷ Descendência das famílias e clãs é contada sempre através da linha materna.

toda a vida, e dividem as tarefas de subsistência, como o trabalho no campo, são artesãs, cuidam do lar, ficando assim na direção, execução e responsabilidade de praticamente tudo.

Devido essa estrutura permanecer até os dias de hoje, elas são afetadas por diversos tipos de preconceitos, contudo, seguem com suas convicções e na intenção de deixar um legado progressista de aprendizado e demonstrar que outras formas de viver também é possível.

Heide Goettner-Abendroth exprime bem as complexidades do entendimento para a sociedade ocidental, quando fala:

A história da investigação sobre o matriarcado desde o século XVIII é menos uma história do que uma série de avanços e períodos de inatividade cujos repetidos “inícios” se perdem constantemente na escuridão do passado. O fio desta história é continuamente quebrado, os fragmentos desta narração parecem não levar a lugar nenhum, os argumentos apresentados não têm seguimento, ou estão, na ciência ocidental, completamente colocados no final da lista. Existe, no entanto, um fundo subjacente de conhecimento relativo às formas matriarcais de sociedades, incluindo trabalhos de várias disciplinas científicas. Mas a existência de mais de cento e cinquenta anos de investigação e debate sobre o matriarcado é geralmente ignorada e, nas raras ocasiões em que surgem vozes, estas são rapidamente silenciadas com desprezos ou ridicularizadas (Goettner-Abendroth, 2020, p. 35).

Um vilarejo na região norte do Quênia, denominada Umoja, onde moram somente mulheres, sobreviventes, que foram vítimas de diversos tipos de violências de gênero e abusos. É permitido a visita de homens, mas não podem morar na comunidade, somente os meninos que são filhos, ficam até atingir os dezoito anos de idade. Tendo como recurso de subsistência trabalhos advindos do artesanato feito por elas, e do turismo local.

Lamide Akintobe e Ayanda Ntuli⁸, em reportagem realizada no ano de 2023, assim descrevem o vilarejo de Umoja:

Um lugar para mulheres, feito por mulheres: é isso que representa Umoja, um vilarejo no condado de Samburu, no norte do Quênia. Parece muito com outros assentamentos tribais ou manyatta, com pastagens e cabanas ao redor, onde a vida comunitária é a norma, exceto por uma coisa: não há homens. (Akintobe; Ntuli, 2023).

Os recursos financeiros são geridos por uma matriarca, que foi uma das fundadoras e segue sendo liderança na comunidade. Tem como intuito principal educar os filhos

⁸ Jornalistas da CNN Brasil.

homens a terem comportamentos diferentes para que não sejam repetidos erros e violências como as que elas sofreram, e por conta disso também sofrem retaliações sociais.

Mais próximo de nós, aqui no Brasil, o documentário do Meteoro Brasil⁹, relata que no século XIX, uma mulher chamada de Senhorinha fugiu de casa para se livrar de um casamento indesejado e se juntar a seu amante por quem era apaixonada, e ambos se refugiaram em um casarão próximo de Belo Horizonte. E desde então, eles e os seus descendentes foram excomungados pela igreja católica, na época, até sua quarta geração. Uma mulher fugir do casamento naquela época era inaceitável socialmente, isso fez com que eles fossem estigmatizados.

Em contrapartida, outras mulheres que sofriam desprezo social se aliaram a eles, mudando-se assim para a comunidade, onde desenvolveram uma cultura matriarcal que perdura até os dias atuais. Fundaram sua própria religião e seu povoado se denomina “Noiva do Cordeiro”, que até hoje é liderado pelas descendentes diretas de Maria Senhorinha que agora é chamada de “A grande mãe”.

Como forma de subsistência vivem da lavoura, e com atividades divididas de forma igual para todos, assim como a disposição das moradias e atividades diárias, como fazer as refeições todos juntos. Possui traços coletivistas, e também com consciência de todo preconceito que sofrem pelas regiões da redondeza da comunidade, como por exemplo, quando precisam de acesso aos hospitais ou comprar em lojas.

São sociedades com diversas características em comum, sobretudo o senso de coletividade, mas principalmente tem em comum os preconceitos e retaliações sociais, por quem não faz parte.

Ainda no contexto brasileiro, temos a *lenda das Icamiabas*, assim narrada:

Segundo as diversas versões da lenda, existia em terras amazônicas uma tribo matriarcal de incríveis mulheres consideradas grandes guerreiras, que não permitiam a presença masculina, e que eram as filhas da deusa da lua, Jaci. Supostamente, foram vistas por exploradores espanhóis, sob a liderança de Francisco Orellana em 1542, ao chegarem na região que atualmente é a Amazônia. Quando os exploradores entraram no território dessas guerreiras, na foz do rio Nhamundá, que divide Pará e Amazonas, eles foram atacados por mulheres descritas por eles como ferozes: elas estavam nuas, manuseavam arcos e flechas, e os derrotaram. Depois, conforme a história se popularizava, elas foram descritas como as guerreiras indígenas Icamiabas, que significa “a que não tem seio ou a mulher que não tem marido”. COQUEIRO; SILVA; ZUKOSKI. 2023, p.321)

De acordo com a filósofa Heide Goettner-Abendroth, uma das principais referências mundiais, quando se trata de estudos sobre sociedades matriarcais, e fundadora

⁹ Meteoro Brasil é um canal no YouTube brasileiro sobre ciência, filosofia e cultura pop. Surgiu em abril de 2017. Ele foi criado pelo casal de jornalistas Álvaro Borba, e Ana Lesnovski - Doutora em comunicação social pela PUC-RS.

da academia para estudos modernos do matriarcado, uma sociedade matriarcal opera em vários níveis distintos, que são o econômico, político, social e cultural, e em todos operam de forma diferente do modelo patriarcal. Por serem mais coletivistas, igualitárias, estáveis, sem disputa violenta por poder, com valores maternais, autonomia e liberdade sexual das mulheres.

3. PRISÃO FEMININA – E NÃO ESTAMOS TODAS NÓS PRESAS? DENTRO E FORA DO CÁRCERE?

Eu gosto da palavra prisão, pois para mim tem um caráter emblemático, por ser carregada de diversos significados e questionamentos. E não estamos presas todas nós mulheres? Dentro e fora do cárcere? Em processos sociais, institucionais e de violências durante todo o percurso de nossas vidas?

Segundo Dráuzio Varella¹⁰ (2017), que participou de trabalhos voluntários em cadeias por trinta anos, e na cadeia feminina foram onze anos, assim relata que os casos de estupros são em quantidade absurda, que em determinado momento ele achou que todas ou 90% já tinham passado por episódios de estupro ocorridos a maior parte em idade de crianças, seis, sete, oito anos. Em ambiente doméstico, por parentes, avôs, pai, tio, vizinho, etc. Uma epidemia das periferias, ao qual a sociedade ignora e vive em absoluto silêncio.

Baseada nessas inquietações e por meio das leituras sobre mulheres presas, entendi que muitas das atitudes das mesmas por estarem presas, se desencadeava por conta dos traumas, da falta de oportunidades, da desestrutura familiar, e da ausência de afeto e orientação. Portanto, a prisão será meu campo de pesquisa no Mestrado, pois pretendo aprofundar sobre as formas de convivência, comportamentos, divisões de trabalho, expressão de afeto e liberdade sexual em um ambiente estritamente ocupado por mulheres. Que mesmo sendo um ambiente de repressão institucional, as mulheres seguem um padrão organizacional e comportamental, de algum modo diferente caso houvesse a presença masculina.

Refletir sobre essas subjetividades, com enfoque nas suas experiências identitárias, dentro do ambiente do cárcere, comparando-as com essas sociedades matriarcais, que surgiram nos primórdios, mas que ainda hoje existe, se organizam e vivem somente entre mulheres em alguns lugares do mundo.

As mulheres em situação de prisão relatam forte abandono afetivo da família e de seus companheiros, o que parece ser um sentimento induzido devido as premissas que o patriarcado impõe, e que esse é um grande fator para a solidão na prisão, que acompanha a carência, e é o que geralmente as conduz para relacionamentos homoafetivos dentro da prisão.

¹⁰ Médico, oncologista, cientista e escritor brasileiro. Realizou trabalho voluntário durante trinta anos em prisões brasileiras, dentre esses anos, foram onze em presídio feminino.

A leitura de depoimentos de presas e a pesquisa em obras já publicadas como: *Presas que menstruam* (2015), *Prisioneiras* (2017), *Cadeia: relatos sobre mulheres* (2019), me levam a refletir que é um ambiente onde não é permitido reprimir ou constranger, quando se trata de relacionamentos afetivo-sexuais, por isso se dá uma gama de diversidade sexual nas cadeias femininas do Brasil.

O campo das emoções e dos afetos, são fortemente apresentados em depoimentos de quem faz pesquisa em cadeias femininas, o que torna o campo da sexualidade um fator complexo, e ao mesmo tempo instigante. Dráuzio, em sua obra *Prisioneiras*, relata:

A homossexualidade em cadeias de mulheres é tema clássico de filmes e livros. Minha experiência na Penitenciária Feminina, no entanto, me ensinou que essas abordagens costumam ser fantasiosas e superficiais, e nem sequer resvalam na complexidade do comportamento sexual feminino. Relacionamentos sexuais em prisões masculinas podem ser descritos em um único parágrafo. Já o sexo entre mulheres presas é um tema de complexidade incomparável (Varella, 2017, p. 148).

A realidade da vida no cárcere é o que me instiga a pesquisar e analisar, sobretudo, o universo essencialmente feminino, e, ainda como essas mulheres presas, conduzem fora de um padrão, suas emoções, seus afetos, suas sexualidades, junto aos seus comportamentos e as formas de se organizarem. Tendo uma forte aproximação, em alguns aspectos, com as sociedades matriarcais, onde lideram e tem em sua grande completude somente mulheres. A realização da vivência de observação e entrevistas em presídio feminino me fará perpassar pelos questionamentos apresentados de forma mais clara.

4. COMPLEXIDADES E SEMELHANÇAS

Desenvolver estudo de caso em prisão feminina no contexto do Brasil, estritamente no Norte, deve perpassar por aspectos sociais e culturas que emergem nessa região, o que é um dos principais objetivos da realização da minha pesquisa nesse período do Mestrado.

Levantar aspectos e reflexões sobre o tema socio comportamental de mulheres que estão obrigatoriamente dispostas em um ambiente e as leituras e pesquisas sobre o tema me fizeram perceber a complexidade, mas também a forma como determinadas disposições de organização, empatia e liberdade (mesmo estando presas) se assemelhava às sociedades matriarcas, ou a lugares onde mulheres são a liderança.

A sexualidade foi um ponto alto dos meus questionamentos. A forma como mulheres presas exercem suas liberdades sexuais dentro da prisão, e atuam com seus dispositivos afetivos, tendo como ferramenta o conceito de dispositivo desenvolvido por Foucault¹¹ (2000):

¹¹ Michel Foucault, filósofo francês, que faz uma análise crítica, histórica e social, em torno da construção do discurso sobre a sexualidade e suas articulações como saber e o poder na obra, *História da sexualidade – vontade de saber (vol. I)* (1999) onde

Dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2000, p.244).

Como ressalta também Dráuzio Varella, sobre a complexidade da sexualidade feminina dentro da prisão, por não seguir as regras e normativas do aparente costume de como acontece fora da prisão, ou melhor, dentro dos preceitos e repressões do patriarcado. Onde mulheres não são incentivadas a conhecer seu próprio corpo, a não explorar suas sexualidades e vontades. Para que o corpo seja também um objeto de controle e manutenção do patriarcado.

E mesmo tendo durante todo o percurso de uma vida esse *modus operandi*, quando são presas se deparam com um ambiente, pelo menos para o aspecto sexual, livre de julgamento e repressão.

No livro da Nana Queiroz¹² (2015), *Presos que menstruam: a brutal vida das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*, tem um capítulo intitulado *Ser lésbica x Estar lésbica*, em que a escritora narra testemunhos de descobertas de diversas possibilidades de afetos e amores que as mulheres presas encontram nos momentos difíceis e de solidão no cárcere. E relatam que o principal motivo que as levam a “estar lésbica” na prisão, é a carência. A autora questiona a uma presa se após se relacionar com mulher ficou confusa com relação a sua sexualidade, ela responde que:

Olha eu tinha uma curiosidade. Então, juntou a fome com a vontade de comer e tá tudo certo – ri. – Mas o que mais me motivou foi a carência. Tava muito carente. E, na minha opinião, as mulheres são muito mais atenciosas, porque a gente sabe da carência de cada uma, então fica tudo mais fácil. Acho que somos mais fiéis na dificuldade também (Queiroz, 2015, p. 143).

A aproximação sexual e de afetos, é muito mais evidente em prisões femininas, se comparado às prisões masculinas. Segundo Queiroz (2015):

Para as mulheres, ao menos na cadeia, a afetividade pode moldar - e, por que não, expandir, a sexualidade. São em sua maioria, mulheres que se consideravam heterossexuais antes da detenção e afirmam que, ligadas pelo companheirismo, o apoio na depressão e no medo, se envolveram com outras mulheres. Nessas

compreende o domínio da sexualidade ao se construir um saber sobre ela. Ela é construída com um dispositivo a ser acionada pelo poder que exerce nos corpos, um domínio através das instituições e práticas sociais.

¹² Jornalista brasileira, especialista e ativista em direito das mulheres, e escritora.

parcerias descobrem novos desejos e, as vezes, o amor. Algumas chegam a dizer que não são, mas “estão lésbicas (Queiroz, 2015, p. 143).

Após essas leituras não tive como não aproximar essa mesma liberdade comparada às sociedades matriarcais, onde mulheres lideram e são ensinadas e incentivadas a viverem suas sexualidades fora de um padrão heteronormativo patriarcal, e exercem também sem julgamento ou repressão de suas aliadas.

Pretendo refletir sobre os dispositivos de afetividade de mulheres presas, e o campo de possibilidades e caminhos que, socialmente, estão estabelecidos para essas mulheres, identificando como processos de suas sexualidades e de comportamento, influenciam suas vidas dentro do ambiente de cárcere. E em como isso seria fora do cárcere, seguindo os preceitos de uma sociedade matriarcal, com todos esses indicativos citados acima, quando explorado um pouco sobre as formas de organização das sociedades matriarcais.

Todavia, a prisão feminina, tal instituição findou por tornar-se, efetivamente, um depósito de mulheres “desajustadas” (não necessariamente criminosas), mas que, de algum modo, fugiam do padrão da sociedade patriarcal e machista (Germano, Monteiro e Liberato, 2018, p. 37).

Heide Goettner-Abendroth, em sua obra *Sociedades Matriarcais – Estudos sobre culturas indígenas no mundo*, demonstra a intenção dos atuais líderes institucionais da nossa sociedade patriarcal, de não incentivar, não publicizar, não credibilizar as sociedades matriarcais ainda existentes, ou dar visibilidade as pesquisas sobre as mesmas, justamente por essas sociedades em sua maioria operarem de forma colaborativa e livre de repressões e de controle aos corpos das mulheres.

“A cadeia não impõe a ninguém alguma coisa que não esteja dentro dela, mesmo que num lugar muito íntimo” (Varella, 2017). Os depoimentos me trouxeram para questões referentes a repressão e a “liberdade sexual” da mulher, fora da prisão. Num contexto histórico, o movimento feminista ocidental, em suas vertentes diversas, vem trazendo questionamentos e incômodos relacionado a posição da mulher na sociedade capitalista patriarcal. A luta política pelo reconhecimento e busca de direitos e equilíbrio social se tornou urgente, como bem indica Butler (2003).

A autora traz a questão sobre o ser homem e ser mulher na sociedade ocidental, e o faz questionando o que é afinal o gênero. Conforme explica:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problemáticamente binários em sua morfologia e

constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (Butler, 2003, p. 24).

Ao falar em gênero, não posso deixar de falar, mesmo que brevemente, sobre as lutas feministas, que são categorizadas por ondas, no qual a primeira onda começou em meados do século XIX, e sua principal campanha foi sobre o direito ao voto, a segunda exigiu a abertura no campo profissional e os direitos reprodutivos, na terceira onda, já na década de noventa, e influenciado pelo trabalho de Judith Butler, feminista norte americana, que elabora questões e teorizações sobre a relação entre sexo e gênero, mostrando que ambos são desassociados, associam-se enquanto discurso – natureza e cultura, por exemplo, e também enquanto ação política.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar as leituras das obras com os relatos de presas brasileiras, percebo o quanto os comportamentos e decisões são tomadas dentro do campo das emoções, conforme o médico e escritor Dráuzio Varella (2017) relata, “até as questões de hierarquia são muito dadas dentro dos sistemas das emoções, existe, porém os acordos podem ser quebrados facilmente, tendo como justificativa as reações e emoções, coisa que em uma prisão masculina jamais aconteceria”. Coisa que em uma sociedade patriarcal jamais seria levada em consideração, tanto como não é.

Em *Presas que menstruam*, Queiroz (2015) conta concretamente os sofrimentos de mulheres que passaram pelo cárcere e que são a resposta de experiências de opressão, inferioridade, subordinação, do antes, durante e depois do aprisionamento. As entrevistadas mostram uma trajetória biográfica de antes do encarceramento que foi marcada pela pobreza, insegurança, falta de oportunidades, exploração no trabalho, violência física e emocional, abuso sexual, estupros e vulnerabilidades.

Este artigo pretende principalmente trazer à luz questionamento como: essa sociedade patriarcal na qual vivemos está funcionando para todas e todos nós? Ou só para alguns? Por que pouco ou quase não ouvimos falar sobre sociedades matriarcais ainda existentes? Por que a liberdade institucional e sexual de corpos de mulheres pode ser ameaçadora para o *modus operandi* do modelo patriarcal? Ao quê, e a quem interessa nos manter em um sistema de controle e repressão? E não estamos todas nós presas? Dentro e fora do cárcere? A pesquisa segue em andamento.

REFERÊNCIAS

Akintobe, L. Ntuli, A. 2023. Fotógrafo de Gana visita aldeia no Quênia composta somente por mulheres. CNN Brasil. 05 de julho de 2023. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/fotografo-de-gana-visita-aldeia-no-quenia-composta-somente-por-mulheres/>> Acesso em: 10/10/2024.

Boechat, M. e Kastrup, V. A experiência com a Literatura numa instituição prisional. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)* [online]. 2009, vol.15, n.3, pp. 22-40.

Coqueiro, W. Silva, M. Zukoski, A. 2023. Intersecções entre o mito das amazonas e a lenda das Icamíabas em terras tupiniquins: CI, A mãe do mato. Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, nº2. e-ISSN: 1982-3010.

Diniz, D. 2015. Cadeia: relatos sobre mulheres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
Foucault, M. 1999. História da Sexualidade I: A vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: graal.

Foucault, M. 2008. Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão. Tradução Raquel Ramallete 35º edição. Petrópolis: Editora Vozes.

Germano, I. Liberato, M. e Monteiro, R. Criminologia crítica, Feminismo e Interseccionalidade na Abordagem do Aumento do Encarceramento Feminino. 2018. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/MHtjGhJrYXTLYzWmS6X4W6Q/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15/07/2023.

Goettner-Abendroth, H. 2013. Sociedades matriarcais: estudos sobre culturas indígenas no mundo. Peter Lang Inc., Editoras Acadêmicas.

Nunes, C. Macedo, J. 2020. Desafios metodológicos e formativos em pesquisa com mulheres na prisão. *Rev. Polis Psique* [online]. vol.10, n.3, pp. 178-204. Acesso em: 16/09/2024.

Oswald, V. 2017. Em tribo do Sul da China, mulheres comandam a casa. *Jornal O Globo*, São Paulo, 05 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/em-tribo-do-sul-da-china-mulheres-comandam-casa-21671563>> Acesso em: 22/09/2024.

Queiroz, N. 2000. Presos que menstruam. 1º ed. Rio de Janeiro. Editora: Record, 2005. Sobre a História da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, p. 243 – 27.

Somekh, B. Lewin, C. (orgs). 2015. Teoria e Métodos de Pesquisa Social. Petrópolis, RJ: Vozes.

Varella, D. 2017. Prisioneiras. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras. Vivendo no Matriarcado. 2021. Direção de Ana Lesnovski: Meteoro Brasil. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=RdfHL_2Ub84&t=443s> Acesso em:
17/10/2024.

Financiamento

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Data de envio (Recebido) 26 de outubro de 2024

Aceito em 19 de dezembro 2024